

O GLOBO
22/2/96 Pg 24
29

Vale descobre jazida de ouro gigante no Pará

Reserva é estimada em 150 toneladas e vai aumentar produção anual do país em 20%

• BRASÍLIA. O patrimônio da Companhia Vale do Rio Doce cresceu cerca de R\$ 2 bilhões com a descoberta da maior jazida de ouro da empresa, com uma reserva estimada em 150 toneladas. Ela fica no Pará, no município de Curionópolis, a 55 quilômetros de distância, em linha reta, de Carajás. O anúncio foi feito ontem no gabinete do presidente Fernando Henrique Cardoso pelo ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, logo após o fechamento do pregão das bolsas de valores.

O ministro Raimundo Brito disse que a nova jazida deverá ser incorporada ao patrimônio ativo da Vale do Rio Doce no processo de avaliação da empresa, que integra a lista de estatais a serem privatizadas durante o Governo Fernando Henrique.

O presidente da Vale do Rio Doce, Francisco Schettino, observou que a nova jazida tem uma reserva superior à da maior jazida em operação hoje na América Latina, a de Igarapé Bahia, cujo volume é estimado em 120 toneladas de ouro. Ele não soube precisar se essa era a maior jazida encontrada no país.

— A descoberta não altera o processo de privatização da empresa. A única novidade é que a companhia se valorizou — observou o porta-voz da Presidência da República, embaixador Sérgio Amaral.

O Governo acredita que a jazida possa ser ainda maior, mas isso só deverá ficar comprovado com a conclusão da segunda etapa de pesquisas da Vale do Rio Doce, que será concluída até agosto próximo.

A nova jazida do Pará deverá aumentar em pelo menos 20% a produção nacional de ouro, com a extração de 15 toneladas por ano. Trata-se de um ouro fino, que exigirá uma exploração subterrânea através de um processo denominado pela Vale do Rio Doce de cianetação.

A reação do prefeito de Curio-



SCHETTINO, BRITO e Fernando Henrique durante o anúncio, no gabinete presidencial, da descoberta da jazida de ouro, que fica perto de Carajás

nópolis, Shanon Neto, no entanto, foi de preocupação com a notícia. Ele conta que foi informado pelo superintendente das minas de Carajás, Juarez Saliba, de que a nova jazida fica em Serra Pelada, o que poderá provocar uma reação dos garimpeiros que exploram a área.

— Isso vai virar um barril de pólvora. Os garimpeiros de Serra Pelada não aceitam que a área seja explorada pela Vale do Rio Doce. Só em Serra Pelada vivem seis mil pessoas, e nos municípios vizinhos, mais 35 mil. Quase todas se consideram detentoras do direito de explorar a área. Já avisei ao secretário de Segurança do estado que poderemos ter problemas — disse o prefeito ao GLOBO.

Por enquanto, o presidente

Fernando Henrique Cardoso só vê motivos para comemorar. Tão logo soube da notícia, o presidente chamou até seu gabinete os jornalistas credenciados junto à Presidência da República, para que o ministro de Minas e Energia pudesse fazer o anúncio da nova descoberta.

Ao seu lado, posavam orgulhosos o governador do Pará, o tucano Almyr Gabriel, e Schettino, o presidente da Vale do Rio Doce.

Ao anunciar a descoberta, o ministro Raimundo Brito começou lembrando a primeira fase de pesquisas, que teve início no ano passado e exigiu um investimento de R\$ 5 milhões.

As diversas perfurações no solo atingiram uma área de sondagem de seis mil metros quadrados, com furos de até 430 metros

de profundidade. O ministro Raimundo Brito pediu e recebeu na hora a autorização do presidente Fernando Henrique para dar início à segunda etapa de pesquisas, que consumirá mais R\$ 10 milhões e só deve terminar em agosto deste ano.

Só depois da conclusão dos estudos técnicos para dimensionar o tamanho total da reserva é que começará a ser instalada a mina de exploração. A instalação dessa mina subterrânea — já que o tipo de ouro encontrado não permite a exploração a céu aberto como já acontece hoje em Serra Pelada —, segundo Schettino, poderá levar de dois a três anos. A partir daí, será dado início ao processo de exploração da jazida, cuja duração foi estimado em dez anos. O anúncio ontem da nova des-

coberta da Vale, na avaliação do presidente da Fundação Milton Campos, o ex-senador pelo PPB Jarbas Passarinho, não deveria ter sido utilizado como justificativa para que o presidente da estatal cancelasse sua participação num seminário da Fundação para discussão da privatização da estatal.

— Ele poderia ter conciliado. Depois de até nos estimular a promover o seminário, que estava marcado para hoje (ontem) e já tinha a presença confirmada de quase cem pessoas, o senhor Schettino simplesmente cancelou sua participação. Só posso acreditar que exista por trás dessa atitude uma intenção do Governo em esvaziar a discussão sobre a privatização da Vale — reclamou Passarinho. ■

TRADUZINDO O ECONOMÊS

Reservas pertencem à União

• A descoberta da gigantesca mina de ouro pela Vale do Rio Doce não significa que os futuros compradores da empresa serão os donos dessas reservas. Pela Constituição, o subsolo é propriedade da União que permite que as empresas (inclusive a Vale) explorem essas riquezas mediante concessão.

Recentemente, as empresas estrangeiras não podiam explorar o subsolo brasileiro, mas isso mudou e essas companhias já podem se candidatar à concessão pela associação com empresas nacionais.

Quando a Vale for privatizada, será assinado um contrato de concessão com os compradores que terão direito a explorar as jazidas por prazo a ser definido.

Em 95, a Vale do Rio Doce produziu 16,5 toneladas de ouro. Ela é a maior mineradora de ouro do país e da América Latina. Ao todo, o Brasil produz 75 toneladas de ouro, sendo que a maior parte é exportada e tem como destino a negociação, em barras, nas bolsas de mercadorias do mundo, principalmente na Comex, a bolsa de mercadorias de Nova York.

De acordo com um relatório da Gold Fields Mineral Services, editado na Inglaterra, o Brasil é o sétimo país do mundo na produção de ouro. ■

Nova mina não altera privatização

Regras da venda da mineradora deverão ser mantidas, segundo o BNDES

Aguinaldo Novo, Cristina Alves, Ramona Ordoñez

• A mina de ouro descoberta pela Vale do Rio Doce não vai alterar os planos de privatização da empresa, garante a diretora de Desestatização do BNDES, Elena Landau. Ela afirma não temer uma onda de resistência à privatização por conta da descoberta.

— É muito melhor que essas notícias surjam agora do que depois que a empresa tenha sido privatizada. Assim, só melhora o preço da companhia e toda a sociedade ganha — afirma Elena Landau.

— Não estou preocupada. Quem é contra a privatização da Vale, vai continuar contra — resume a diretora do BNDES, lembrando ainda que o subsolo brasileiro é de propriedade da União, como está no texto constitucional. O direito à exploração dessas riquezas é que pode ser dado às empresas mediante o sistema de concessões, como já ocorre com a Vale.

Lucro anual poderá aumentar em R\$ 1 bilhão

Pelas contas do consultor Nélio Weiss, da empresa de consultoria Coopers & Lybrand, a nova mina poderá render cerca de R\$ 1 bilhão em lucros para a Vale. O cálculo tem como base o preço atual do ouro no mercado internacional e uma previsão de que sejam gastos até R\$ 1 bilhão na prospecção da capacidade total das jazidas.

O presidente da Previ, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, José Valdir Ribeiro dos Reis, se mostrou cauteloso com os números apresentados ontem. Dona de 8% do capital com direito a voto da Vale do Rio Doce, a Previ tem tudo para ser uma grande beneficiária da descoberta de novas reservas de ouro pela Vale. Ao todo, os fundos de pensão possuem 18% do capital da Vale.

— Gostaria muito que todas essas projeções fossem verdade porque a descoberta, em si, valoriza mais a empresa. Mas a exploração dessas reservas sempre leva alguns anos — afirma José Valdir Ribeiro dos Reis.

Descoberta estimula discussões sobre preço da venda

O anúncio de uma nova mina não poderia ter chegado em melhor hora. Não faltam especulações sobre o preço da companhia, que deve ser privatizada até o fim deste ano. Se for considerado apenas o valor das ações da companhia em mercado, a Vale custaria cerca de US\$ 10 bilhões.

No entanto, esse valor pode crescer muito se os lucros e o patrimônio da empresa crescerem em alguns bilhões de dólares depois da descoberta anunciada ontem. A esse total é preciso somar o potencial futuro de lucro da empresa, estimado até a descoberta da jazida em mais US\$ 5 bilhões ou US\$ 10 bilhões (dependendo de quem faz a avaliação), afirmam os consultores.

A nova mina, que está sendo considerada a maior do país, ultrapassa a de Guarapá da Bahia, também localizada no Pará, e que sozinha produz quase 10 toneladas anuais de ouro.

O ex-presidente da Anoro (As-

sociação Nacional do Ouro) e sócio do banco Cindam, Nathan Blanche, também tem números que, segundo ele, justificam comemoração. A produção mensal da jazida deverá ficar próxima a 1,2 tonelada, o que equivale a 15% da atual produção do país.

Planos da empresa eram para produzir 30t até 2.000

As reservas de ouro descobertas pela Companhia Vale do Rio Doce no Pará são superiores às 150 toneladas já identificadas pela companhia, como informou o vice-presidente da companhia no Rio, Anastácio Fernandes Filho. Segundo ele, já foram perfurados seis mil metros e até o fim do ano deverão ser perfurados mais 18 mil metros, o que poderá resultar em aumento da produção.

— Quem faz pesquisa mineral de vez em quando tem que acertar. A região é promissora, existe um potencial de crescimento dessas reservas que será identificadas nas pesquisas que prosseguirão — afirma Anastácio.

A Vale iniciou as pesquisas na região de Carajás em 1994. A previsão é de as pesquisas serem concluídas até agosto próximo. Até agora, a Vale gastou US\$ 10 milhões nas pesquisas, e segundo seu vice-presidente, o desenvolvimento vai exigir investimentos elevados uma vez que a extração é mecânica que será a mais de mil metros de profundidade. Com a descoberta aumentará a produção prevista pela Vale para o ano 2.000, que era de atingir 30 toneladas anuais. Atualmente, a produção da companhia é de 16,5 toneladas.

Caso a mina comece a ser explorada imediatamente, dentro de três a quatro anos ela poderia atingir uma produção de 15 toneladas anuais por um prazo de dez anos. O vice-presidente informou que a descoberta vai aumentar ainda mais o valor da companhia que o Governo federal pretende privatizar em setembro. ■

Sarney se diz duplamente satisfeito com a notícia

Estatal, a seu ver, não deve ser privatizada

Marco Antônio Moreira

• BRASÍLIA. O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), disse ontem que ficou duplamente satisfeito ao tomar conhecimento da descoberta, pela Companhia Vale do Rio Doce, da maior mina de ouro do Brasil, capaz de produzir, dentro de cinco anos, cerca de 15 toneladas. Primeiro, como brasileiro, porque o país, desta forma, aumentou consideravelmente as suas reservas conhecidas do mineral. Segundo, porque a descoberta comprova a sua tese de que a estatal de mineração, maior produtora de ouro do país, não deve ser incluída no Programa Nacional de Desestatização.

— A Vale do Rio Doce é uma agência de desenvolvimento e, portanto, tem um papel muito maior que uma simples estatal. O que ela faz, nenhuma empresa faria: levar o desenvolvimento para as regiões mais carentes do país — disse o senador ao GLOBO.

Para Sarney, se for transferida para a iniciativa privada, a estatal terá sua capacidade de investimento reduzida. Além disso, ele destacou o pioneirismo da empresa, responsável pelos avanços que o país vem obtendo no setor mineral.

— Os esforços que a Vale do Rio Doce faz nenhuma outra empresa faria. Ela está presente nas regiões mais longínquas do país, descobrindo mangagês, cobre, ferro, bauxita e caulim, entre outros minérios — acrescentou.